

**DISCURSO PROFERIDO PELA PARANINFA  
DAS TURMAS DO CURSO NOTURNO DE  
FORMANDOS DO 1º SEMESTRE DE 2016  
DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO  
DA FACULDADE DE DIREITO DA UFMG, EM  
SESSÃO DE COLAÇÃO DE GRAU, REALIZADA  
NO DIA 13/09/2016**

***SPEECH GIVEN BY THE CLASS SPONSOR OF THE  
FIRST SEMESTER OF 2016 GRADUATE EVENING  
CLASS FROM THE FEDERAL UNIVERSITY OF MINAS  
GERAIS LAW SCHOOL ON THE GRADUATION  
CEREMONY, HELD ON SEPTEMBER 13TH OF 2016***

SHEILA JORGE SELIM DE SALES\*

Caros formandos,

Sempre tive medo de discursos, em razão da minha timidez para falar em público. E esta é, com efeito, a primeira vez que falo em público, para proferir um discurso.

Por isto, escrevi estas linhas que, na realidade, nem mesmo sei se constituem um “discurso”, para não correr o risco de deixar que o medo, a timidez, ou as indescritíveis emoções que estou vivendo neste momento me deixassem sem palavras.

Há quase um ano atrás, exatamente no dia 28 de outubro de 2015, vivi a perplexidade, a surpresa, a alegria de vê-los entrando em minha sala de aula para me comunicar que eu fora escolhida como paraninfa.

A situação, absolutamente inesperada e inesquecível, sem dúvida foi o mais importante momento da minha caminhada

---

\* Professora Associada de Direito Penal. Chefe do Departamento de Direito e Processo Penal da Faculdade de Direito da UFMG.  
E-mail: sheilasales@task.com.br

acadêmica. Naquela oportunidade, muitas perguntas assaltaram meu coração: por que vocês me deram esta prova de amizade inigualável? Por que conferiram esta honra ímpar exatamente a uma professora que trabalha em regime de dedicação exclusiva e não se dedicou a carreiras jurídicas *extra muros*?

Mas também naquele mesmo momento, senti uma real preocupação, que imediatamente compartilhei com vocês: e o discurso?

Para uma professora habituada à sala de aula e à elaboração de textos técnicos, resultantes de intensa pesquisa, é realmente difícil escrever um “discurso” e, mais ainda, pronunciá-lo para os formandos, sendo também ouvida pela orgulhosa família de cada um de vocês, que está aqui presente, seguramente tomadas pela comoção deste importante dia, após tantos anos de renúncias e sacrifícios: são eles os pais, aos quais cabe uma notável fração da conquista de cada um de vocês que ora se celebra.

Aos pais aqui presentes, meu abraço de parabéns!!!

Mesmo tendo escrito um “discurso” para hoje, acredito que o melhor “discurso” que um professor pode fazer, é aquele que faz em sala de aula, durante anos a fio... Por isso, mais que fazê-lo durante os dois semestres em que passamos juntos na Vetusta Casa de Afonso Pena, tive a honra de vivenciar ao lado de vocês não apenas o “discurso” da sala de aula, mas também os burburinhos, as risadas, as piadas do Joãozinho ...

Foi então que decidi preparar, para este momento, um retorno ao tempo, à nossa sala de aula, dando continuidade aos nossos trabalhos, com uma piada de Joãozinho:

Irritada com seus alunos, a professora lançou um desafio. – “Aquele que se julgar burro, faça o favor de ficar de pé”. Todo mundo continuou sentado. Alguns minutos depois, Joãozinho se levantou. – “Quer dizer que você se julga burro, Joãozinho?” Perguntou a professora, indignada. – E Joãozinho respondeu: “Bem, professora, para dizer a verdade, não! Mas fiquei com pena de ver a senhora aí, em pé, sozinha!!!

Pois é... vocês acharam graça. Mas nesta história de hoje, a mensagem do Joãozinho é a solidariedade.

E é com a solidariedade de vocês que agora inicio o “discurso”.

Em primeiro lugar, muito obrigada a vocês por nunca terem me deixado de pé sozinha... mesmo quando a aula não estava lá essas coisas...

Em segundo lugar, muito obrigada a vocês pela grande honraria que me concederam ao me outorgarem o título de paraninfa.

E não poderia deixar, neste momento, de expressar a minha gratidão a Deus, a quem amo com toda a força do meu coração. A Ele agradeço o exemplo de vida que me foi dado por meus pais e os sinceros amigos que colocou no meu caminho; foi Ele quem me fez professora, arregimentando para a minha direção o olhar de vocês, que me consagraram paraninfa, e que hoje formalizam a conclusão do curso de graduação em Direito.

Segundo os dicionários etimológicos, o vocábulo “paraninfo”, deriva do termo grego *paránymphos* e do latim *paraninphu*. Neste termo, o prefixo *para* significa “ao lado” e *nymphé* significa “noiva”. A palavra servia a indicar o padrinho, bem como as testemunhas do casamento.

Atualmente, mesmo tendo o significado de padrinho, o termo é correntemente utilizado como o título outorgado pelos formandos ao escolherem um professor ou profissional de grande destaque na área, para ser o seu “padrinho” ou, no nosso caso, “madrinha”. Dizem que a pessoa honrada com este importante título, deve dar um “último conselho” aos formandos sobre a profissão que irão seguir.

Por tudo isto, mais uma vez me pergunto: por que fui escolhida para este “último conselho”, esta última aula, sem dúvida a mais árdua, porque nela se contém a nostalgia do tramonto, da despedida e, ao mesmo tempo, o júbilo da alvorada e do porvir?

Não posso esconder que, como “paraninfa” ou “madrinha”, sinto-me corresponsável pelo dia que vocês vivem hoje, pela caminhada futura que farão, e pela nova realidade com a qual se defrontarão, fora dos muros da Faculdade.

Até hoje, a grande preocupação de todos vocês foram os estudos, os livros, os trabalhos, as provas... Aaaahhhh, as provas e as notas. Os problemas? Estavam quase todos eles trancados nos

muros da faculdade: as dificuldades didáticas, a estrutura acadêmica, o corpo docente, as normas acadêmicas, a disciplina da academia, muitas vezes rígida.

Diversas coisas na universidade não foram como vocês sonhavam. Outras sim. Mas vocês venceram e superaram os obstáculos. E tudo isto culmina, no dia de hoje, com o resultado ao qual vocês se propuseram há alguns anos atrás: a formatura, o bacharelado em Direito.

O tempo correu e o dia chegou.

Neste momento, encerra-se a longa fase de preparação intelectual e moral, que teve início no lar, e culminou no de nível superior – o curso de graduação em Direito, na Faculdade de Direito da UFMG, a Vetusta Casa de Affonso Pena.

Este é um triunfo extraordinário, do qual poucos podem se orgulhar. Cumprimento a todos e a cada um de vocês pelo notável êxito.

Amanhã a realidade será outra. Muito mais complexa. Repleta de problemas que podem ser resolvidos por uma multiplicidade de caminhos, mas cujos desfechos serão sempre um enigma, diversamente do que ocorria da academia.

Com efeito, a vida é mais rica do que a casuística dos códigos, e também da matéria a ser estudada para fazer as provas de cada uma das disciplinas.

A vida nos surpreende, nos deixa perplexos, nos escandaliza, nos alegra, nos extasia, nos inebria, mas, sobretudo, nos ensina em seu constante evolver.

E, de agora em diante, é com a matéria da vida que vocês devem lidar, em qualquer das carreiras jurídicas que escolherem. Uma realidade que muda a todo instante, que dirigirá a todos vocês diversas solicitações e trará grandes compromissos, como cidadãos e como profissionais do Direito.

Neste mesmo momento, inicia-se também a etapa, igualmente longa, em que vocês exercerão – ou, pelo menos, poderão exercer – as mais diversas profissões jurídicas: o magistério de nível superior, membros do Poder Judiciário, do Poder executivo, do Poder legislativo, do ministério Público, das Procuradorias, advocacias e Defensorias Públicas, a advocacia, que é o exercício privado de função pública. A todos vocês desejo pleno sucesso.

Mas o compromisso de vocês, como filhos da Casa de Affonso Pena, não se exaure na busca de realização profissional e pessoal.

Com efeito, vão interagir com a realidade em que vivemos e, ao fazê-lo, é necessário que os senhores e as senhoras se transformem em sementes de novas árvores, em flores de esperança, que estejam imbuídos em realizar a transmutação da sociedade que aí está, em uma comunidade mais fraterna, mais solidária, mais justa.

Vivemos numa sociedade embriagada pelo consumo, pelo prazer, pela abundância, luxo, aparência, narcisismo, a vaidade, das quais surgem o apego, a incompreensão, as divisões.

Diante de tudo isto, a vida chama vocês a um comportamento prudente, sóbrio, simples, intelectualmente modesto, equilibrado, linear, capaz de compreender e viver o essencial. Este é um dos meus conselhos... sejam modestos e simples em todas as circunstâncias.

Sei que a geração de vocês, sob aspecto político, viveu à sombra de alguns mitos que, embora tenham sido forjados em função da melhoria das condições de vida, das pessoas mais carentes e dos excluídos, terminaram por conduzir nossa sociedade à uma crescente desconsideração da ética e dos valores do ser humano: o desprezo pela vida, a cultura da morte, os preconceitos, a seletividade do sistema penal, a crescente criminalidade, a superpopulação carcerária, a espetacularização do crime, as condenações midiáticas, a indeclinável expansão do direito penal... para qualquer parte que se volte o olhar, encontramos contradições, incertezas, arbítrio.

Vivemos em uma sociedade cuja tensão é permanente... Mesmo não podendo cair em generalizações, vivenciamos, por um lado, o poder punitivo que visa combater a corrupção, com irrefutável diminuição das garantias constitucionais.

Por outro lado, com inigualável desconcerto para todos nós que de longe assistimos com tristeza aos noticiários, uma moral pública, empresarial e política que nos entristece, em especial com diversos membros da classe política ignorando e demonstrando total desapareço para com as normas que devem guiar sua honrosa atividade no exercício dos diversos mandatos e cargos públicos.

Vivemos um momento de crise que não é apenas econômica. Vivemos uma crise de valores morais, vale dizer, uma crise que também é ética.

Os mitos, sejam eles pessoas ou ações governamentais, dos quais nossa sociedade se alimentou durante estes últimos anos fracassaram. Decepcionaram. Desiludiram.

E a crise saiu dos gabinetes políticos e da justiça e infestou o sistema penal. Como se o sistema penal fosse um remédio contra todos os males políticos e sociais.

Ao nos referirmos a estes problemas, não o fazemos de maneira pessimista e/ou destrutiva, mas sim para dizer que há em torno a nós um mundo que espera paz, solidariedade e, em especial, que espera ética.

É da geração de vocês, vibrante e esperançosa, liberta das cargas emocionais que marcaram as gerações que vivenciaram o regime militar, que se espera a valentia necessária para reduzir desigualdades jurídicas e sobrestar o processo de expansão do direito penal.

Se por um lado as teorias abolicionistas do direito penal, na prática, são inviáveis, como reconhece a doutrina europeia desde o final da década de oitenta, urge adotar os instrumentos dogmáticos colocados à disposição dos intérpretes – que serão vocês – a serviço do reducionismo em matéria penal.

Os compromissos de vocês, que surgirão no âmbito de suas carreiras, serão o resguardo dos direitos fundamentais, das garantias constitucionais, do princípio da dignidade humana e um exercício profissional direcionado por rígidos valores éticos.

E esta deverá ser a direção predeterminada numa sociedade em que vocês terão que lidar com a morosidade dos órgãos judiciais, com os paradoxos da nossa justiça criminal, com autoridades nas mais diversas e altas funções que usam do exercício do poder como meio de elevação social e para praticar desmandos e desvios.

Caberá a vocês, como profissionais do Direito, suprir deficiências, corrigir desvios e superar limitações próprias e alheias...

Nestes momentos, não desanimem. Sejam valentes, corajosos e lutem nas trincheiras do direito por um mundo melhor. Sejam perseverantes como o foram durante a permanência na Faculdade de Direito da UFMG.

Acredito que o grave momento que vivemos exige a prática de “virtudes” – em especial a virtude de bem servir – que parecem

ter sido esquecidas em meio ao caos em que vivemos. Para bem servir, a confiança, a esperança e o amor, são virtudes essenciais.

Assim, é preciso trabalhar com o afimco da **confiança**. A **confiança** na construção de uma sociedade livre, plural, justa e solidária, como deve ser a sociedade nos Estados Democráticos.

É preciso semear a **Esperança**. A **esperança** no desenlace pacífico dos conflitos individuais, coletivos e políticos; aperfeiçoar tudo o que for possível e, portanto, também o sistema de leis, das quais dependem as nossas vidas e as nossas sortes.

É preciso lutar com o mais profundo **amor** – pois só com ele é possível – na constante defesa dos direitos fundamentais, no irrefutável apreço pela dignidade da pessoa humana e na reverência incondicional aos princípios éticos que norteiam as carreiras jurídicas.

Caros formandos, e *maxima permissa venia*, meus queridos afilhados e afilhadas, o que realmente desejo a vocês é o genuíno e perene sucesso da lisura, da ética e da honradez, no caminho que escolherem.

Muitas são as formas para alcançá-las e praticá-las, e cada um de vocês, preparados que estão, escolherá a melhor forma de seguirem conquistando e de vivenciarem as suas próprias virtudes, em favor do próximo.

Por isso deixo aqui, como último conselho de madrinha, uma célebre passagem do livro “Dos delitos e das penas”, de Cesare Beccaria, o Marquês de Beccaria, como um caminho que poderá nortear a atuação de cada um de vocês na advocacia, na magistratura, no ministério público, na política e nas demais carreiras jurídicas:

Não existe liberdade quando as leis permitem que, em algumas situações, o homem deixe de ser *pessoa* e se torne *coisa*...<sup>1</sup>

MUITO OBRIGADA!

---

1 BECCARIA. *Dei delitti e delle pene*. Roma: Newton Compton Editori, 1994, § XX, p. 41, *in verbis*: “Non vi è liberta ogni qual volta le legge permettono che in alcuni eventi l'uomo cessi di esser *persona* e diventi *cosa*...”

